Marsílio Ficino

TRATADO SOBRE O ARREBATAMENTO DE SÃO PAULO AO TERCEIRO CÉU

(Epistolae, Liber II, fol. LXIII-LXIX v.)

Traduzido por Efrém Adão

De Marsílio Ficino Florentino a Giovanni Cavalcanti, seu único amigo, sobre o arrebatamento de Paulo ao terceiro céu: e a imortalidade da alma.

Marsilii Ficini Florentini ad Ioannem Cavalcantem amicum unicum de raptu Pauli ad tercium coelum: & animi immortalitate.

Não nos é lícito nestes tempos, meu Giovanni, por suspeita de epidemia, passarmos a vida juntos e familiarmente na terra, como costumávamos fazer. Mas o que nos impede, nesse ínterim, de conversarmos no céu, onde nenhum medo de peste nos assusta? Portanto, ânimo, amigo, refugiemo-nos agora no céu. Mas tu talvez perguntes: *"Em qual deles, e principalmente entre os muitos que há?"* Naquele, decerto, por cujos raios inflamados temos passado juntos, por tanto tempo, uma vida celestial na terra. Por acaso não te lembras, Giovanni, de quando, certa vez, aquele nosso mui provado varão, Bernardo Reneri, jantava conosco em tua casa, ocasião na qual dissertamos sobre o arrebatamento de Paulo ao terceiro céu? Instauremos esse banquete hoje: para que nele banqueteemos, contra a vontade da epidemia.

Diálogo entre Paulo e a Alma: de que não se ascende a Deus sem Deus: e sobre a fé, a esperança e a caridade.

MARCUS: Eu te rogo, beatíssimo Paulo (se é lícito a um homem falar disso): como ascendeste ao céu e por que logo ao terceiro?

PAULO: Longe de nós, Marsílio, afaste-se para longe de nós uma impiedade tão soberba a ponto de dizermos que nós *"ascendemos"* até lá. Pois não quero gloriar-me de mim mesmo em tais revelações. Toda a minha glória é apenas daquele Deus, Rei da Glória. Eu não ascendi, Marsílio, mas fui arrebatado ao céu. Os elementos pesados do mundo não buscam as alturas a não ser que sejam elevados pelos mais altos. Os habitantes da terra não sobem os degraus celestiais a não ser que o Pai Celeste os puxe.

MARCUS: Ensina-me, rogo-te, ó Paulo, por aquele que te arrebatou: a quem, dentre todos, Ele arrebata com mais força?

PAULO: Porventura ignoras isto, que ninguém que arrebate ou seja arrebatado pode ignorar? Ele arrebata acima dos demais aqueles que Ele ama mais ardentemente. E Ele ama ardentemente quem O ama. Mas aquele benigníssimo

raptor não exige de ti outra coisa (para que sejas felizmente arrebatado por Ele) a não ser que tenhas, sequer mediocremente, a vontade de ser arrebatado. Mas até mesmo essa vontade tu nunca terias, se Ele não tivesse querido antes. Da mesma forma que a lua não refulge em direção ao sol a não ser que seja antes acesa pelo sol: assim tu não amas o próprio Amor a não ser que, amando-te Ele próprio primeiro e afetando-te, tu sejas inflamado. E tu não O invocas como um eco, a não ser que Ele te chame primeiro; e não O apreendes (como a um lugar) a não ser que Ele te compreenda.[1] Podes, decerto, captar a maioria das coisas finitas mesmo se não fores captado por elas; mas captar o Infinito não é nada além de ser captado por Ele. E do mesmo modo como a imagem no espelho não olha para o rosto a não ser que o próprio rosto olhe para ela (antes, é ao olhar para o rosto que parece que a imagem a olha: pois ela não é nada além do *"ser olhada"* por este rosto). Da mesma forma como a ação e o movimento não medem o tempo para nós a não ser que o próprio tempo as meça na realidade: assim a alma nem olha para Deus a não ser que Ele a olhe primeiro, nem O julga a não ser que seja julgada por Ele.

MARCUS: Mas vamos, ó mui amado por Deus, ensina-nos em terceiro lugar: por que foste elevado maximamente ao terceiro céu, para veres aquele Invisível que está em toda parte, tanto lá quanto aqui? E se Ele está precipuamente em algum lugar, seria antes no supremo.

PAULO: Não é assim, ah, homem excessivamente terrestre! Não é assim que se compreendem as coisas supercelestiais. Deixa de lado as argúcias do segundo céu, inventadas por Mercúrio. Deixa as leis do sexto céu, fundadas, como quereis, por Júpiter. Deixa a filosofia do sétimo céu que, como dizem, foi doada aos homens por Saturno. Estas coisas não tocam a Verdade em si, procriadora de Mercúrio, Júpiter e Saturno.[2] Queres alcançar o Sol, que corre no quarto céu, no qual o Rei do mundo montou o Seu tabernáculo? Eia, escala as costas do terceiro céu, contíguo ao quarto. Vênus ali te concederá prontamente aquilo que os outros não puderam te oferecer. Diz-se comumente que Vênus dá o amor vulgar. Mas o anjo dela aumenta, decerto, a egrégia Caridade nos varões egrégios. Falo da Caridade que flui do tríplice céu supercelestial tanto para o terceiro céu (e seu anjo) quanto para a nossa alma. Pois o Espírito Santo de Deus primeiramente imprime essa chama nos Serafins. E, em segundo lugar, impõe aos Principados o principal serviço deste mistério. Estes, regendo a

---

[1] Latim: *"non apprehendis eum sicuti neque locum nisi comprehendentem."*
[2] Latim: *"non attingunt ista veritatem ipsam mercurii iovis saturni procreatricem."*

terceira esfera, acendem ali o anjo de Vênus. Donde a Caridade, plantada em nós por Deus, é continuamente alimentada, cresce e é aperfeiçoada.

Mas para que dizer mais? Queres, deixando os rodeios de lado, atingir o sol do Sol por um caminho mais curto?

Que o teu primeiro céu seja a Fé. Pela qual creias firmemente ser Ele o primeiro a quem deves amar, d'Ele de quem tu tens a própria capacidade de amar tudo o que amas; e todas as coisas que são amadas têm d'Ele o próprio fato de merecerem ser amadas. O segundo céu é a Esperança. Pela qual, sem dúvida, esperes ardentemente ser reamado por Aquele: a quem tu não poderias amar se não tivesses sido amado por Ele antes. O terceiro é a Caridade. A qual te obriga espontaneamente e te atrai necessariamente a – tendo deixado todas as outras coisas de lado – abraçares apenas a Ele. Se o deixares, tu não possuis nada. Mas se possuíres a Ele só, não te fará falta nada daquilo que deixaste; e sem os braços d'Ele tu não podes abraçar a ti mesmo, nem a outras coisas, nem a Ele.

Foi por aqui, ó alma excessivamente vagabunda, que eu penetrei sozinho nos mais preciosos aposentos íntimos de Deus. Os quais não podem ser vistos a não ser que o próprio Pai de Família *[patrefamilias]* os abra. Mas a casa do onipotente Olimpo não se abre a não ser para as mentes que buscam isso pela Fé, pedem pela Esperança e batem pela Caridade. A Caridade, porém, é o fim das outras e a perfeição de todas: foi pelas faíscas dela que, outrora, Elias foi aceso e arrebatado ao céu num carro de fogo. E foi por essas mesmas chamas que eu também fui arrebatado ao céu.

Finalmente, que isto permaneça guardado profundamente na tua mente: O frio depende das trevas, e as trevas dependem da morte. O calor, porém, depende da luz, e a luz depende da vida. Por isso o frio conduz às trevas e as trevas levam à morte. O calor, porém, conduz à luz, e a luz produz a vida.

No carro da Fé, Esperança e Caridade, ascende-se ás esferas do terceiro céu. Primeiro, decerto, pelas virtudes civis, purgatórias e do ânimo purgado.

Conduzido, porém, por este céu trino como que por um veículo (isto é, pela Fé reta, pela firme Esperança e pela ardentíssima Caridade), tu percorrerás as esferas do tríplice céu. Onde reverás o doce Pai e a pátria. Donde sairás três e quatro vezes (isto é, sete vezes) feliz.

Primeiro, decerto, pelos méritos destas três, também te serão divinamente doados três gêneros de virtudes: as virtudes civis, as purgatórias e as do ânimo purgado. As quais farão com que *não saibas se estás no corpo ou fora do corpo*.[3] Formado por elas, atingirás finalmente as virtudes exemplares, que não são outra coisa senão o próprio Deus. Pois verás, tracionado pelo Espírito do Senhor de claridade em claridade, que a razão da virtude avança mais e mais gradativamente nestes três gêneros. O que reconhecerás não poder ser feito a não ser por um acesso cada vez mais próximo (e de novo mais próximo) à própria e suma Ideia Divina da virtude: para que te transformes na mesma imagem.

Segundo: vai-se ao terceiro céu pela região dos planetas, pelo céu estrelífero, pelo cristalino.

Segundo: através da região dos sete planetas (que é como que o primeiro céu errante), transitarás para a oitava esfera (que é o firmamento ordenadíssimo dos astros e o segundo céu). A partir deste – como é agitado por um movimento duplo e diverso –, te transferirás para o céu cristalino (isto é, transparente e nítido) como a um terceiro céu: cujo movimento é uno e simples. Ali, *as águas que estão sobre os céus louvam o nome do Senhor*.[4] Do vértice deste, logo no empíreo (que é todo um certo ardor salubérrimo), reconhecerás aquela luz vital de Deus: por cuja exuberante bondade tamanho e tão salubre ardor ali se acende. E perspicazmente verás que a luz divina e a própria verdade habitam naquele ardor – isto é, precipuamente no amor – como no tabernáculo do sol; e que aquele ardor nasce e vigora pela luz.

Terceiro: o terceiro céu é escalado pelo mundo visível, pelo mundo fantástico, pelo mundo inteligível.

Terceiro: transitarás todo o corpo do mundo, manifesto aos olhos, como um primeiro céu. E te conferirás à imagem deste, pintada na tua fantasia, como a um segundo céu. Depois, deixando para trás tanto o corpo universal visível quanto a imagem fantástica do corpo, prosseguirás pela inteligência para a própria natureza pela qual o mundo necessariamente consta, e para a razão pela qual é definido. O que te será, na mente, o terceiro céu (acima do sentido e da fantasia). Aqui, subitamente, a inteligência divina refulge sob a tua inteligência. Pois o que mais é a razão do universo e das suas partes senão aquela arte eterna

[3] II Coríntos II, 2-4.
[4] Salmo CXLVIII, 4.

pela qual o seu arquiteto o dispôs? Pois se, de algum artifício corpóreo, subtraíres a matéria, restando a ordem, o que sobra é a mente do artífice, já conspícua à tua própria mente.

Quarto: busca-se o terceiro céu pelos espíritos irracionais, racionais e intelectuais.

Quarto: seja o teu primeiro céu todo espírito inferior ao teu. O segundo seja o teu próprio espírito humano, devido ao dom da razão, pelo qual julga as coisas irracionais, mas não é julgado por elas, sendo longamente mais prestante. O terceiro é o Anjo, que é como um olho lucidíssimo: a quem, de fato, num momento estável, são notórias as coisas que tu buscas capturar por um decurso temporal. No anjo, contempla a Deus continuamente: como a luz no olho lúcido e a eternidade no momento estável *[In angelo deum continuo conspice: tanquam lumen in oculo lucido & in momento stabili aeternitatem]*.

Quinto: transita-se ao terceiro céu pelas três hierarquias angélicas.

Quinto: sabe que do mesmo modo como em ti (que és um pequeno mundo)[5] há três espíritos: o natural no fígado, o vital no coração e o animal no cérebro (pelo qual apenas percebes a luz finita); assim também em torno deste mundo mais amplo há três exércitos de espíritos divinos, como que três esferas inteligíveis volvendo-se perenemente em torno do centro divino. Mas uns governam precipuamente a região do mundo sujeita à lua; outros regem as coisas celestes; outros esvoaçam sobre o vértice do céu.

Trevas lúcidas: luz tenebrosa: luz mera. Nove coros de anjos.

E eu esvoaço para cá e para lá, ao meu bel-prazer, elevado pelas asas dos serafins. E embora em parte alguma eu encontre nada fora do Imenso Bem (que imbui o universo totalmente por dentro e o circunda infinitamente por fora): contudo, tudo o que encontro que não seja o próprio Bem, vejo que é composto de umas certas trevas lúcidas e uma certa luz tenebrosa. Sei que as trevas não podem iluminar a si mesmas, nem a luz, ao ser envolvida pelas trevas, pode luzir a partir de si mesma: de outro modo, ela vigoraria em si e luziria puríssima e plenissimamente. Portanto, advirto que a luz do mundo brilha a partir daquela própria Luz na qual não há treva alguma. E por isso, *quando a luz brilha nas trevas, as trevas não a compreendem*.[6] Isto, porém, é o próprio Bem absoluto

[5] Latim: *"qui parvus es mundus"*.
[6] João I, 5.

em si, não compreendido pelos limites de sujeito, nem de causa, nem de graus, nem de lugar, nem de tempo. Como, na verdade, todas as coisas apetecem por instinto natural o bem como um fim: pelo qual apenas são aperfeiçoadas, concluo que o bem é o mesmo princípio a partir do qual todas as coisas são efetuadas. E como este, por si mesmo e por sua própria causa, efetua e aperfeiçoa todas as coisas, decerto dispõe todas as coisas conforme o seu próprio exemplar como a um meio. É, portanto, o Princípio, o Meio e o Fim de todas as coisas. E porque é totalmente indivisível, em qualquer dos três estão contidos também os restantes. O fim da ação move, de certo modo, o princípio a agir; o princípio move o exemplar e a forma da obra.

Para cá todos os espíritos beatos intencionam assiduamente os olhos da mente: cada um intui estas três coisas, mas, sendo diversos, o fazem por razões diversas. E nestas inspecionam as verdadeiras razões de todas as coisas que estão no universo.

> Os Serafins contemplam o próprio fim mais propriamente e mais atentamente que os demais.
>
> Os Querubins especulam o Princípio no Fim.
>
> Os Tronos especulam o Meio no Fim.
>
> As Dominações, porém, contemplam o próprio Princípio.
>
> As Virtudes, o Fim no Princípio.
>
> As Potestades, o Meio no Princípio.
>
> Os Principados, ainda que admirem todas as coisas, contudo intuem mais propriamente e (por assim dizer) de mais bom grado o próprio Meio.
>
> Os Arcanjos intuem o Fim no Meio.
>
> Os Anjos contemplam o Princípio no Meio.

As almas felizes, por diversos méritos da vida pia e pela semelhança dos costumes com os diversos anjos, em nove graus nas esferas da pátria, seguem as nove ordens dos anjos. Deixo de bom grado de lado as almas infelizes: as quais, abaixo da lua, sob a caligem da terra (onde o rio Estige as cerca nove vezes), acompanham as nove turbas dos espíritos malignos.

A luz de Deus refulge no ardor do céu empíreo.

Quando deixei para trás os espíritos das trevas, subitamente, da suprema atalaia dos espíritos lucentes, uma luz imensa corruscou para mim. Vi ali os serafins ardendo num amor imenso. Nesse ardor, refulgiu-me a luz infinita do bem infinito. Frequentemente, antes do arrebatamento, eu havia cogitado se o próprio bem é objeto da vontade antes que do intelecto – de modo que a alma desfruta desse próprio bem mais pela flagrância da vontade do que pela claridade da inteligência. Arrebatado ali, logo reconheci ter cogitado a verdade: ao ver que não é a ciência dos Querubins, mas sim a caridade dos Serafins que está mais próxima de Deus. Com razão, visto que é da natureza de todas as coisas desejar; e a razão do que é desejável é que seja bom. Ao próprio bem infinito segue-se proximamente e adere-se subitamente um amor flagrantíssimo.

Sexto: foge-se ao terceiro céu através das três pessoas da Trindade.

Vamos, segue-me neste sexto passo o quanto puderes: ó mente avidíssima do próprio bem infinito, mente que é a própria filha do bem infinito. Apressa-te, e não te demores, pois tu podes, ó boa mente, tanto quanto tu quiseres.

Pois onde apenas pela vontade se procede e se avança: aí, seguir não é outra coisa senão querer seguir. Tem, pois, bom ânimo. Por certo, se o fim para o qual te moves (de certo modo sem fim) é propriamente o bem infinito, necessariamente o princípio a partir do qual te moves é o bem infinito. O qual, com efeito, como por si mesmo e por sua própria causa é a origem de todas as coisas: decerto por si e por sua causa move todas as coisas. E move especial e propriamente o espírito que apetece especial e propriamente a isso mesmo.

O teu Pai, que é tão bom, uma vez que não te deu em vão – isto é, não te deu inútilmente – que quisesses natural e incessantemente seguir um bem desse tipo, deu-te simultaneamente a capacidade de algum dia alcançá-lo e consegui-lo. Na ordem das coisas, como sabes, todas as coisas são boas. Especialmente porque estão bela e utilmente ordenadas: e apetecem o bem naturalmente.

Se todas as coisas boas, na ordem das coisas, convêm[7] numa certa natureza comum do bem: na qual todas as coisas boas são um único bem, necessariamente, junto ao ordenador das coisas: um único bem é todas as coisas boas. Por certo, aquela natureza comum e una que jaz na multidão de todas as

[7] Latim: “conveniunt”.

coisas e é contida por todas as coisas, emana de uma certa forma una que, em si mesma, está sobre toda multidão e contém todas as coisas.

Mas avança além: se aquilo que cogitas estar abaixo da ordem das coisas chamas de infinitamente mau, por que não confessas também que o que está acima da ordem das coisas é infinitamente bom? E se ao bem pertence a propagação (pois onde quaisquer coisas são mais perfeitas, ali e então elas parecem propagar-se mais), sem dúvida junto ao bem infinito existe uma propagação infinita. Propagação, digo, íntima. Pois nada infinito existe verdadeiramente fora de si mesmo.

Ali estão, portanto, o Pai e o Filho. Junto ao Pai infinitamente bom e ao Filho infinitamente bom, vigora também um Amor infinito. Se qualquer um dos três é igualmente infinito, também são iguais entre si e simílimos. Se a natureza e plenitude infinita – não deixando nada fora de si e compreendendo a si mesma totalmente por dentro – não pode ser senão única: única é a substância dos três. E acrescento: simplíssima. Pois se deve ser sumamente potente, a potência consiste tanto na união quanto a fraqueza na divisão.

Já, portanto, ó alma trina e una, espírito único que constas de intelecto, vontade e memória, subiste juntamente comigo ao único éter e ao tríplice céu. Dentro do céu, viste três coisas em um só sol, iguais entre si e semelhantes: a Forma, a Figura e a Luz. E julgaste que o Sol, nestas três coisas, não é tríplice, mas único. Acima do céu, na única natureza da própria bondade que se propaga, encontraste ab eterno a propagação e o amor. E não reconheceste nelas três naturezas, mas uma única, perenemente propagando a si mesma e amando plenissimamente e de modo semelhante. E aquilo que aqui divinamente contemplaste, de modo algum é lícito ao homem falar diferentemente senão: três pessoas e um único Deus.

Os sete setenários acerca da alma.

Sétimo: considera comigo, ó alma expurgada dos sete crimes capitais, livre dos sete espíritos malignos; a qual os dons dos sete planetas adornam extrinsecamente para que pareças feliz; a qual os sete dons do Espírito Santo imbuem intrinsecamente; a qual os sete anjos que circundam o trono de Deus conduzem para que sejas verdadeiramente feliz. Considera comigo este sétimo dia de luz no qual verdadeiramente descansarás, a saber, na sétima hora do dia

na qual verás clarissimamente: para que sejas sete vezes beata naquela luz, a qual promete perdoar-te setenta vezes sete enquanto vives miseravelmente.

Sétimo: a mente atinge o terceiro céu enquanto considera a Deus nas criaturas; as criaturas em Deus; e Deus em si mesmo.

Considera comigo o único e tríplice céu superceleste: a saber, primeiro a Deus, teu Pai, nas coisas por Ele criadas. Depois, as coisas criadas em Deus. Terceiro, o próprio Deus em si mesmo. Para este terceiro céu fui otimamente arrebatado outrora, para que eu mesmo não fosse mais arrebatado pessimamente, e para que eu arrebatasse beatissimamente comigo para lá quaisquer uns que nas terras sejam arrebatados miseravelmente.

A Trindade do criador encontra-se em nove trindades das criaturas.

Reconhecerás a divina trindade em todas as coisas enquanto nelas considerares nove trindades (as quais imitam as nove ordens dos anjos):

1. Numa só máquina do céu, a saber: a figura, a luz e o movimento.
2. Em qualquer espírito acima do céu: a substância, a força e a ação.
3. Em todo o número dos espíritos: as três hierarquias; e em qualquer hierarquia: três ordens.
4. Em qualquer composto sob o céu: a matéria, a forma e a virtude.
5. Em todas as coisas: a medida, o número e o peso.
6. Novamente: a potência, a ordem e a utilidade.
7. Além disso: o princípio, o meio e o fim.
8. Em ti mesma: a memória, a inteligência e a vontade.
9. Nas ciências: a faculdade natural, a racional e a moral.

Em qualquer trindade, o primeiro refere-se à Potência de Deus e ao Pai. O segundo, à Sabedoria e ao Filho. O terceiro, ao Amor e ao Espírito benigno. *Assim, as coisas invisíveis de Deus são vistas, sendo compreendidas por meio daquelas coisas que foram feitas.*[8]

Definição e divindade da alma.

Assim, enquanto nas coisas, como divina, encontras a Deus, encontras também a ti mesma. Pois se nos corpos encontras o espírito; nas trevas, a luz; nos males, o bem; na morte, a vida; a eternidade no tempo; nas coisas finitas, o infinito,

[8] Romanos I, 20.

lembra-te de que és um espírito incorpóreo: lúcido por natureza, um bem imortal, capaz da verdade e estabilidade eternas e do bem imenso. Até aqui, seja este para ti o primeiro céu, de cujo vértice reconheças tanto a Deus quanto a ti mesma em todas as coisas.

Que as coisas criadas são encontradas no criador através das razões e ideias divinas.

Acede, por favor, para o segundo céu, para que a partir dali inspeciones todas as coisas em Deus. Discerne todas as obras de Deus em Deus todo aquele que considera: a disposição e a forma da casa no pai de família; do reino, no rei; do artifício, no artífice; das ciências, no sábio. Sempre, todavia, lembrado disto: que tudo o que aqui se medita e se age com tempo e labor, aquela verdade eterna e virtude infinita o perfaz num momento, do modo como quer e com a maior facilidade, especialmente porque *"entender"* em Deus não é outra coisa senão *"ser"*, e *"agir"* não é outra coisa senão *"querer"*.

Do mesmo modo como todas as formas naturais estão em uma só matéria: assim todas as razões delas congregam-se num só artífice.

Mas eis que vejo uma certa mole comum na máquina do mundo. Intuo formas diversas na mole. Sei que uma coisa é a mole formada, e outra são as formas formantes. E porque entendo que esta mole, como um fundamento, antecede as formas numa certa ordem, eu a separo daquelas com a mente: e cogito separadamente que ela ou é dispersa num abismo, ou é coligida num ponto. Conservo, porém, as formas de qualquer modo que posso. Mas em que as conservo? Numa certa essência comum a todas. Pois todas convêm comumente naquilo que são. Numa essência, digo, indivisível, conservo formas totalmente indivisíveis. Pois já segregamos as dimensões de todas elas. Quero, além disso, que de qualquer espécie de coisas exista aqui uma única forma. E do mesmo modo como todas as formas naturais (que por uma certa participação são tais ou quais) congregam-se num certo sujeito infinitamente *paciente* por si mesmo (isto é, na prima matéria): assim todas as que por essência são tais (isto é, as razões das formas) quero e vejo congregarem-se numa certa fonte infinitamente *agente* por si mesma.

Deus é a infinita vida das vidas e a luz das luzes.

Onde o ato é infinito, há também a vida, e essa vida é totalmente infinita. Pois a vida é o ato íntimo e absoluto da essência. Na vida infinita, não há nada que não viva perfeitissimamente. Portanto, o que foi feito por Ele era a própria vida. Onde, porém, vigora o ato perene e a vida imensa, ali a luz da inteligência é absolutíssima: visto que a inteligência é a perfeição da vida, isto é, a reflexão dela sobre si mesma. Logo, esta vida é a luz dos homens. A qual brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.

A luz diurna, decerto, é agradável aos olhos sãos; mas aos enfermos é molestíssima. O raio de Deus advém benignamente à mente boa, e é chamado de Pai e Graça. Para a mente má, porém, é um rígido juiz e uma fúria. Por *esta luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo*,[9] há pouco viste todas as coisas em Deus, e o próprio Deus. Pois qualquer coisa que esteja no Deus simplíssimo é o próprio Deus. Aquela série de ideias, portanto, que tu entendeste em Deus é a própria sabedoria divina, *que é o Verbo de Deus, e está junto a Deus, e é o próprio Deus, e por Ele foram feitas todas as coisas*.[10] E por isso o próprio Deus é encontrado em todas as coisas, e todas as coisas são descobertas n'Ele.

A mente encontra a sua eternidade na eternidade das razões e das ideias.

Encontraste também, deste modo, a tua imortalidade. Pois de que modo poderias separar as condições mortais das formas do mundo, e conceber a partir daí as razões imortais; como poderias reduzir as razões deste tipo à vida e inteligência eternas de Deus; como poderias por cogitação, de certo modo (por assim dizer), tornar aquele Ato o efetuador: se tu mesma não fosses imortal e capaz da vida e inteligência eternas de Deus?

Desconfiem, portanto, desconfiem da sua imortalidade os homens flagiciosíssimos, cujas alminhas, buscando a vida apenas na região da morte, já estão mortas há muito tempo e sepultadas no lodo dos vícios.

A confiança na imortalidade recebida dos quatro graus de contemplação.

Tu, porém, confia comigo, ó alma celeste: que, enquanto contemplas junto a Deus as verdadeiras e eternas razões de todas as coisas criadas, de certo modo

---

[9] João I, 9.
[10] João I, 1-3.

compreendes a eternidade de qualquer razão. A razão da eternidade. A verdade da eternidade. A eternidade da verdade.

Os quatro graus.

Decerto, sentes a *eternidade da razão* quando julgas que a razão e a definição de qualquer espécie consistem com tanta certeza que, de nenhum modo, poderiam ser de outra forma. Por exemplo: que o homem seja um *"animal racional"*, e que o círculo seja uma *"figura voltada sobre si mesma, de cujo centro todas as linhas retas traçadas à circunferência são iguais"* – isso necessariamente sempre foi e sempre será verdade.

Entendes a *razão da eternidade* quando defines a natureza da eternidade assim: a eternidade é o momento, ou o ponto, por si mesmo sempre estável, ao qual nenhum ponto antecede nem sucede. Desse modo, ela é a medida do repouso, assim como o tempo é a medida do movimento.

Conheces a *verdade da eternidade* quando provas que a verdadeira eternidade reside somente naquilo que, por si e em si mesmo, repousa sem princípio e sem fim.

Discernes a *eternidade da verdade* quando argumentas que a verdade nunca começou nem pode terminar. Do contrário, a verdade teria existido antes de si mesma e existiria depois de si mesma. Pois, se se disser que ela começou em algum momento, já era verdade desde toda a eternidade que ela própria existiria em algum momento (e isso não era verdade senão pela própria Verdade). E mesmo se for cogitado que ela termine: doravante, será verdade para toda a eternidade que a verdade alguma vez existiu (e não será verdade senão pela própria Verdade).

A imortalidade da alma a partir da proporção com as coisas imortais.

Presta atenção, ó alma sedenta do licor eterno. Lembra-te de que não poderias atingir um objeto inteiramente eterno a não ser que houvesse em ti alguma proporção com ele. Logo, se não vives *desde* a eternidade, ao menos vives *para* a eternidade. E não apenas o atinges quando argumentas que certas coisas são eternas e compreendes de que tipo elas são; mas também o penetras através da tua natureza, quando distingues a natureza intrínseca dessas coisas eternas como que nas suas partes e forças. Mais ainda, pareces de certo modo compreendê-lo quando o defines.

Deixo de lado o que poderia parecer a alguém – que, se a mente compreende a razão sempiterna, então essa razão é maior, e por isso eterna; seja suficiente que, se a mente a capta a seu modo, é necessário que a mente seja ao menos de certo modo igual à razão. Quer a sua natureza já seja igual, quer se torne igual ao captá-lo (sendo continuamente dilatada por um certo amor mútuo, como se o fosse pelo Deus fonte das razões), mostra-se suficientemente que a mente é sempiterna. E mostra-se, finalmente, que Deus fez a alma, desde o início, par à razão eterna quanto à sua essência e vida (por assim dizer), uma vez que diariamente ela se torna igual a ela quanto à inteligência e ao amor, na medida do possível.

Por fim, qualquer força que capta algo, capta-o através da sua própria natureza e o atrai para a sua própria razão. Se tu fosses, portanto, mortal, nunca conceberias as coisas eternas enquanto eternas e sob a razão da eternidade; nunca conceberias a eternidade da razão e a razão da eternidade. Pois assim como para os olhos vermelhos e para a língua amarga cada coisa parece vermelha e amarga, assim também por um ânimo mortal todas as coisas seriam julgadas mortais.

Agora, porém, está tão longe de acontecer que as coisas que são sempiternas sejam consideradas caducas ao serem devidamente contempladas, que a mente contemplativa chega a separar as condições de mortalidade até mesmo das coisas mortais e singulares, e as percebe sob uma razão universal. Ela nunca poderia separar essas coisas da matéria e da corrupção se ela própria não estivesse ainda muito mais longe e separada delas. Captas, portanto, neste segundo céu, a tua eternidade, quando aqui captas, na medida das tuas forças, a eternidade de qualquer razão em Deus, a imensa fonte das razões.

A mente reconhece que Deus em si mesmo não pode ser visto de modo algum devido ao excessivo esplendor.

Mas, doravante, porventura compreendes o próprio Deus em si mesmo no que diz respeito ao *terceiro céu* que te resta? Céu no qual eu mesmo vi aqueles arcanos que não é lícito ao homem falar. A luz do sol, decerto, tu a avistas nos elementos e a contemplas nas estrelas: mas em si mesma não a podes inspecionar. E, todavia, ó homem, se fores sábio, contentar-te-ás que o teu sol seja tão grande que supere a capacidade dos teus olhos.

Semelhantemente, tu reconheces a luz divina nas coisas por ela criadas; reconheces também nas razões das coisas criadas. Mas não a suportas absoluta em si mesma. Alegras-te, porém, por o teu tesouro ser de tal modo que é absolutamente inumerável: inumerável, digo, não porque te falte a arte de contar (a qual ali te é pleníssima), mas porque ele excede o grau máximo da arte devido aos graus da sua virtude. Contudo, pareces ter enumerado o suficiente quando, tendo enumerado todas as coisas que podem ser ou ser entendidas, computas pela reta razão que o próprio Deus não é nenhuma dessas coisas:[11] e quando entendes *de que modo* a Sua virtude é inumerável. Vês o suficiente quando vês verdadeiramente de que modo Ele é invisível. Compreendes o suficiente quando compreendes o quão incompreensível Ele é. Pois nunca entendes a própria verdade mais claramente do que quando entendes retamente de que modo ela está acima da inteligência. Onde a suma luz te é sumas trevas: e as sumas trevas te são suma luz. Donde nada é mais conhecido do que isto: e, por outro lado, nada mais ignoto. Nada mais presente. Nada mais ausente. Nada mais visível. Nada visível o é mais. Daqui exclama Davi: *"A noite é a minha iluminação nas minhas delícias."*[12]

Falamos de Deus mais retamente negando e referindo, do que afirmando.

Em verdade, o que vês assim neste céu, não o podes falar: isto é, pronunciar e afirmar de modo absoluto. Quantas vezes negas outras coisas sobre Deus, discorrendo assim: *"Deus não é corpo algum, nem qualidade de corpo, nem alma, nem anjo, nem se se cogitar algo mais alto"*, tu negas verdadeiramente. Quantas vezes referes outras coisas a Deus, comparando assim: *"Deus é o princípio, porque d'Ele promanam todas as coisas; Deus é o fim, porque para Ele todas refluem; Deus é vida e inteligência, porque por Ele as almas vivem e as mentes entendem"*, tu referes também verdadeiramente. Mas se afirmares: *"Deus mesmo em si absolutamente é isso mesmo que eu descobri ou cogitei"*, serás grandemente enganado. Pois se esse sumo autor de todas as coisas é maior do que tu, Ele não pode ser aquilo que é circunscrito pela tua inteligência e cogitado como um termo. Se Ele é o princípio dos princípios e o fim dos fins, e é infinito, não é nenhuma destas coisas que, inventadas e compreendidas por ti, já te parecem finitas.

---

[11] Latim: "deum ipsum tale nihil esse".
[12] Salmo CXXXVIII, 11.

A alma beata contenta-se com isto mesmo: que o seu bem seja incompreensível. Nem estaria contente se fosse compreensível.

Vê, portanto, se vives contente, ó alma: por não compreenderes intimamente nem limitares a tua vida, visto que ela é infinita. Antes, sei que te alegras por isto mesmo: que a tua vida e o teu bem sejam sem fim. Basta-te ser compreendida felizmente pelo Incompreensível, e nada te basta a não ser que seja incompreensível. Pois qualquer coisa de verdadeiro ou de bom que se te ofereça, que tenha graus certos (por mais numerosos que sejam), tu ainda requeres mais com o intelecto e desejas ir mais além com a vontade. Donde em parte alguma podes repousar senão no Verdadeiro e no Bem imenso, nem podes terminar a tua busca senão no infinito. Visto que dependes apenas do infinito: e daí tens uma virtude de certa forma infinita, pela qual te inclinas e progrides para o infinito.

A vontade frui de Deus mais do que o intelecto.

Eis que vejo onde, de certo modo, o intelecto falha e a vontade basta. Eis que penetra a caridade: aonde a ciência não consegue penetrar todas as coisas. Decerto, tu avistas a infinitude, ainda que não clarissimamente. A ela, tu amas ardentissimamente: com ela te alegras veementissimamente. Tu vês, certamente, o quanto te é visível. E amas tanto o que tu mesma vês, quanto o que vês (a partir de ti) que não pode ser plenamente visto por exuberar em demasia. E isto mesmo te compraz maximamente: que sem nenhuma solicitude ou saciedade fruas do bem. O qual, como é infinito: infinitamente te é suprido e infinitamente te deleita. Aqui, se a inteligência não discerne a imensa luz por uma razão totalmente infinita: contudo, a vontade é afetada por imenso amor e gaúdio enquanto frui do bem infinito. A qual, decerto, se estiver plena – a quem pertence o estar contente –, todo o ânimo estará totalmente contente.

A mente mede a sua imortalidade no seu objeto, o qual é sem medida.

O ânimo, enquanto no *terceiro céu* mede com muito mais exatidão do que nos outros quão imenso é Deus, reconhece simultaneamente (para assim dizer) o quanto a sua própria vida excede a natureza e a medida de qualquer tempo. Pois o ânimo não atingiria a razão do infinito – ou melhor, da própria infinitude – se a sua vida houvesse de ter algum fim. Nem se deleitaria mais contemplando um objeto imenso do que contemplando objetos terminados, se ele próprio estivesse no número das formas naturais e temporais. As forças dessas formas não se

deleitam com objetos máximos, mas apenas com objetos medíocres e que lhes sejam congruentes por uma certa proporção. Se a força da vida, qual é a inteligência e a vontade, progride além do fim de qualquer grau de lugar e de tempo que lhe seja oferecido, entendendo e amando sem fim: certamente a própria vida não é constringida pelos limites dos lugares, não é excedida pelos termos de um tempo certo, não é soterrada pelos graus de uma qualidade contrária, nem se dá por satisfeita pela presença de um verdadeiro e de um bem determinado.

A luz celeste é percebida pela luz celeste, a superceleste pela superceleste.

Vamos, diz-me: com que luz olhas para a luz celeste? Com a celeste, decerto. Diz, portanto, com que luz viste há pouco a luz superceleste? Certamente com a superceleste. Essa luz manifesta aos sentidos do mundo é uma certa qualidade única: logo, os diversos corpos não a captam de outro modo senão por uma certa natureza única, neles inata e adequada à luz. Uma natureza desse tipo é chamada de *perspicuidade*. Mas porque a perspicuidade no olho é mais aparentada à luz sensível do que nos restantes destes corpos, há nele, de fato, uma perspicuidade sensual; por isso a luz, depois de lhe ser infundida, reflete-se de certo modo em si mesma: a saber, quando o olho a sente. Onde se vê que o olho não apenas padece perante a luz enquanto a recebe: mas verdadeiramente age um pouco sobre ela, de certo modo, ao julgá-la a seu modo.

A alma vê a sua imortalidade quando vê o raio da inteligência ser-lhe infundido por Deus e refletir-se em Deus.

Pela mesma razão, a luz espiritual é algo único, isto é, a própria verdade. Esta, os diversos espíritos não a captam de outro modo senão por uma certa perspicuidade espiritual inata neles. Mas como nos espíritos dotados de razão existe uma perspicuidade deste tipo de luz que lhes é mais semelhante e mais próxima, acontece que esses espíritos não apenas a captam, mas também a julgam, e assim refletem-se nela própria. Onde se vê que esta luz espiritual e inteligível primeiramente influi na inteligência sem se abandonar minimamente a si mesma. Depois, reflui em si mesma, não deixando a inteligência para trás.

E do mesmo modo que a luz do sol, na medida em que permanece no sol, é *invisível*; mas na medida em que eflui do sol para as cores, é *visível*; e na medida em que influi no olho e se torna natural para ele, faz-se *visiva*: pois quando dali reflui para o sol, então torna-se *vidente*.

Assim a luz de Deus, o quanto n'Ele próprio absolutamente se colige, está acima da inteligência. O quanto dali se explica nas razões das coisas, é *inteligível*. O quanto, infundida no próprio intelecto, se lhe torna natural, evade-se *intelectiva*. Quando, porém, ressalta de volta para o próprio Deus, é *inteligente*.

Por esse motivo, realiza-se aqui um certo círculo: lucindo mirificamente da própria verdade divina para o intelecto, e do intelecto novamente para a própria verdade. O princípio e o fim deste círculo é Deus. O intelecto é o meio. Se o primeiro e o último termo deste círculo é a eternidade (enquanto eternidade), certamente o meio é eterno (o qual, com efeito, é partícipe dos termos).

Pois de que modo o esplendor fluindo da eternidade para a mente refluiria novamente dali para a eternidade através da inteligência (a saber, que rapta o objeto) e através da vontade (que transita para o objeto e é raptada por ele), a não ser que na mente conservasse a sua força e a sua eternidade? Pela mesma razão que a mente recebe este esplendor, pela mesma ela age através dele. Pois não pode agir de modo mais prestante através dele do que o modo como o recebeu. Age, porém, através dele de um certo modo absoluto e eterno: quando, decerto, erguida pelos seus raios acima do lugar e do tempo, atinge as razões indivisíveis e eternas das coisas e, de modos maravilhosos, insinua-se na própria eternidade.

A mente é o espelho de Deus.

Ó sagacíssimo caçador, que nesta profunda selva do mundo investiga e encontra as pegadas mais ocultas de Deus! Ó argutíssimo raciocinador, que encontra as razões das coisas na suma razão de todas as coisas! Ó perspicacíssimo investigador, que de certo modo penetra os santuários de Deus e (para dizê-lo brevemente) ao realizar todas estas coisas, espelha Deus em si mesmo como num espelho! Ele olha para si mesmo em Deus como no sol: ó espelho diviníssimo do sol divino, ilustrado pelos Seus raios e aceso pelas Suas chamas. De fato, através dos raios da própria Verdade, ele discerne as coisas verdadeiras em toda parte: e em todas as coisas verdadeiras e acima de todas, discerne a própria Verdade. Através das chamas do próprio Bem, ele arde e tem sede de todas as coisas boas em toda parte: e em todos os bens e acima de todos, arde pelo próprio Bem.

Os corpos são sombras de Deus: mas as almas são imagens imortais de Deus.

Vês, ó minha mente, vês que és o espelho de Deus quando os raios da tua inteligência, enviados a Ele por Ele mesmo, ressaltam de volta. Se és o Seu espelho (como sem dúvida és, uma vez que espelhas a Ele em ti, e a ti mesma n'Ele), segue-se que aquilo que provém de Deus e está *abaixo* de ti é apenas uma certa pegada e sombra; mas *em ti* é a imagem e a semelhança mais expressa de Deus. De modo que com razão foi dito que tu foste criada *à imagem e semelhança de Deus*.

A sombra não representa o corpo de forma distinta a quem olha para ela. Mas a imagem expressa refere-se à semelhança do corpo de forma muito mais expressiva. A máquina do mundo, sendo como que a sombra de Deus, não te mostra o próprio Deus a não ser que tu reduzas a ordem desse mundo a ti mesma, e com o teu exame claríssimo dissipes a sombra. Somente então, em ti, como numa imagem de Deus, o mundo passa de sombra a imagem. Acontece em ti, como na verdadeira semelhança de Deus, que tu verdadeiramente reconheces a Deus quando provas que Ele próprio é a Verdade Eterna e a Verdadeira Eternidade.

O tempo, porém, é a Sua sombra, e todas as coisas temporais são umbráteis. Visto que tu és a verdadeira imagem da eternidade acima da sombra e das coisas umbráteis (pois, sendo como que o meio entre estas e aquela, tu separas as temporais da eterna), tu és certamente eterna, não sendo circunscrita por nenhuns limites de lugar nem por termos de tempo certo. Do contrário, tu não poderias, por meio da cogitação, discorrer por um espaço ou tempo imensos, nem transitar além destes para a natureza indivisível e eterna.

Porque a mente é a imagem do rosto divino, ela deve sempre olhar para cima, para Deus.

A imagem de Deus no espelho da mente, enquanto estiveres num enigma (isto é, na sombra do corpo), tu a conheces através de um espelho. Mas fora da sombra, tu verás face a face: ó imagem do rosto divino, olha para o teu próprio rosto no espelho. Para o qual, olhar não é quase outra coisa senão *"ser olhado"*. Pois decerto o raio daquele olho é o próprio que inspeciona, e é o próprio que olha de volta a partir de si mesmo.

Conhece a ti mesma, ó mente, tu que és tão ávida de conhecer outras coisas. O que és tu, ó mente? Diz-me, o que és? És a imagem exata do exemplar universal. A filha legítima do Pai de todos. O raio sempiterno do sol superceleste, continuamente refletido pela natureza de volta para o sol.[13]

Deus, portanto, olha para ti de mui boa vontade, como a Sua própria imagem. Ele ama-te inteiramente, como a uma filha. Ele refulge sobre ti como com o Seu raio, e te une a Si mesmo. Portanto, compõe-te agora nos teus costumes e na tua piedade segundo o teu exemplar, por meio do qual és inteirissimamente reformada. Ama, antes de todas as coisas, o Pai pelo qual foste felizmente gerada, e mais felizmente és regenerada. Alegra-te apenas na Luz, sem a qual nunca poderás te alegrar nem com outras coisas, nem contigo mesma.

Terríveis, antes de todas as coisas, são as trevas: porque a vida consiste na luz e a luz na vida; e quanto mais interiores são, mais terríveis elas se tornam. Horríveis para todos são as trevas fora do corpo. Mais horríveis são as trevas dentro do corpo para os melancólicos. Horribilíssimas são as trevas na alma para os miseráveis. Agradável, portanto, é a luz do ar para todos, porque é a mais aparentada ao espírito vital e deleita e ensina com a inumerável variedade de coisas. Mais jucunda é a luz nos espíritos do corpo para os sanguíneos. Suavíssima é a luz íntima na mente para os bem-aventurados.

Deus é a própria alegria. Somente através d'Ele nos alegramos; apenas n'Ele beatamente nos alegramos.

Na verdade, todos fazem todas as coisas pela graça de evitar a dor e de conseguir a alegria; e sem a alegria, repudiam a própria vida. Manifestamente, a alegria é o *fim* de todas as coisas: logo, é também o *princípio*. Pois para onde todas as coisas se movem, a partir dali todas as coisas são movidas e vêm a ser. O que mais é, portanto, a própria alegria senão Deus? O bem dos bens: a alegria das alegrias!

Já que te alegras tanto com estes ou com aqueles bens, diz-me (se é que se pode dizer) o quanto te alegras com aquele Bem ou com aquela Ideia de Alegria, sem cujos atrativos e sem cuja forma não te alegrarias nem com estes bens nem com aqueles. Neste Bem e nesta Ideia alegram-se continuamente todos os que se alegram com alguma coisa, até mesmo os ingratos. Mas não se alegram *bem*

[13] Latim: *"Super coelestis solis radius sempiternus iugiter natura reflexus in solem."*

nem *beatamente* a não ser os gratos, para os quais isso advém de forma muito mais grata do que para os ingratos.

Logo, se desejas alegrar-te de forma ótima e beatíssima com o próprio Bem e com a própria Alegria, lembra-te disto: que em todas as coisas que te agradam, nada mais te agrada senão Ele.

FIM.